

A REVISTA 'EM GUARDA', A POLÍTICA DA BOA VIZINHANÇA E A PROPAGANDA DE GUERRA ESTADUNIDENSE NO BRASIL (1941 – 1945)

ALINE VANESSA LOCASTRE¹

Quando falamos em Segunda Guerra Mundial, nos vêm à mente cenas de morte, humilhação, destruição, armamentos poderosos. Imagens essas que foram transmitidas pela mídia ou por relatos humanos, e nos remete ao pensamento de que esse conflito possuiu, até então, uma singularidade: uma guerra documentalmente rica. Dessa riqueza acarretaram inúmeros trabalhos, de cunho acadêmico ou não, que se dedicaram, e dedicam, ao tema e enriquecem consideravelmente o estudo de tal temática.

Ao pensar nessas imagens, de conflitos, que para alguns de nós são tão distantes no espaço e no tempo podemos pensar que aquilo que acreditamos ter sido essa guerra são apenas informações que foram transmitidas para nós através de um discurso maniqueísta, daquilo que marcou ora os vitoriosos, ora os derrotados. Nesse sentido, percebemos o poder da propaganda, pois foi por intermédio desse veículo governamental ou privado, que muitas das nossas percepções sobre a guerra foram criadas.

Mas afinal, o que significa propaganda? Para Roberval Santiago, o termo recebeu grande destaque ainda no século XVI, quando no contexto da Contra Reforma, foi necessário “Propagar” a fé a fim de impedir o avanço do Protestantismo. Nos dias atuais, esse termo adquiriu novos significados já que pode ser entendida como uma forma de linguagem (oral, escrita ou imagética) (SANTIAGO, 2009: 5).

Anterior à invenção da prensa por *Gutemberg*, a propaganda política era veiculada através de monumentos como jardins, pirâmides, palácios. Após a disseminação da palavra escrita, surgiram outros instrumentos de propaganda como os jornais, a fotografia, o cinema (SANTIAGO, 2009:5). Esses novos recursos são até os dias de hoje amplamente utilizados para propagar os feitos de governantes. Para Santiago ”o complexo conceito de *propaganda política*, compreende-se uma rede de articulação que procura veicular informações com o efeito de simular a personalidade e a notoriedade

¹ Mestranda em História Social da Universidade Estadual de Londrina, Paraná.

de uma determinada figura histórica, como foi o notório governo de Luís XIV (SANTIAGO, 2009: 5).”

Portanto, por meio da propaganda política, durante as guerras do século XX, percebemos o que Paul Virílio chamou de “logística da percepção” (VIRÍLIO, 2005), na qual um conflito é muito menos a rendição do inimigo pelas armas do que o espetáculo criado. Criar no inimigo o pavor da morte é a melhor forma de capturá-lo. Um exemplo foram as bombas de Hiroshima e Nagasaki, pois além de terem sido uma exemplo de uma nova arma mortal, abalaram, sobretudo, o moral do Japão por inteiro (VIRÍLIO, 2005).

Ao verificar as relações diplomáticas entre os Estados Unidos e a América Latina, especificamente com o Brasil, na década de 1940, verificamos o peso da propaganda de superioridade de força, criado pelos Aliados, para a adesão dos países latinos ao conflito. Por meio do cinema, revistas, rádio, produtos importados verificou-se uma nação adentrando bruscamente as fronteiras latino-americanas, trazendo consigo preceitos morais, políticos e econômicos. A Revista “Em Guarda” concentra alguns desses resquícios e reflete a ‘Política da Boa Vizinhança’ estadunidense nas Américas.

A necessidade em ser um ‘bom vizinho’

A utopia de uma não intervenção do Estado nos rumos da economia, preceito tão apregoadado pelo liberalismo, esmoreceu, em 1929, quando outros ventos sopraram no cenário mundial e seu sonho, praticamente alçou vôo. A crise econômica de 1929, que se iniciou nos Estados Unidos, mas que se espalhou pelo mundo todo, como uma epidemia fatal, pôs fim a inúmeras fortunas, empresas, e impôs fome à fila de desempregados que ela mesma fez surgir. Acirrados pela crise, surgiram governos ultranacionalistas que intervinham diretamente na economia e exigiam maior protecionismo alfandegário. Valter Camilo Alves afirma que a Alemanha nazista é uma filha direta da grande crise (ALVES, 2002: 47).

Com a meta de auto-suficiência e de se transformar em uma potência, ainda segundo Alves, a Alemanha tinha como meta a conquista de territórios para o

suprimento de matérias-primas e mercados para seus produtos, já que, à época, o mundo encontrava dividido em “blocos econômicos regionais rivais e autárquicos (ALVES, 2002: 47)”. Além da pretensão de conquista de lugares da Europa Oriental e do Leste, Balcãs e África Subsaariana, a América do Sul também fazia parte dos planos de Hitler, já que eram territórios que exportavam matérias primas e se abasteciam do comércio internacional (ALVES, 2002: 49-50).

A influência econômica alemã no Brasil, resultante desse contexto, deu-se notoriamente a partir do Comércio de Compensação, que consistia, segundo Gerson Moura, na “troca de produtos por produtos, sem necessidade de intermediação de moedas fortes como a libra ou o dólar, aliás, escassas tanto na América Latina como na própria Alemanha. (MOURA, 1984: 14)”

Esse tipo de comércio possibilitou vantagens econômicas, tanto para o Brasil como para a Alemanha. A Alemanha saía ganhando, pois suas vantagens bélicas no início da Segunda Guerra Mundial estiveram relacionadas com esse comércio, uma vez que, grande parte da matéria prima para o material bélico foi conseguida na América Latina. Para Gerson Moura, “as vitórias do Eixo em várias partes do mundo estavam retirando do alcance dos Estados Unidos muitos materiais estratégicos, que poderiam ser encontrados no sul do continente americano” (MOURA, 1984: 20).

Outra influência da Alemanha no Brasil pôde ser percebida na presença cada vez maior de descendentes alemães na região sul e em São Paulo, segundo o estudo de Frank McCann (1995). Em 1942 essa comunidade representava uma população de aproximadamente um milhão de pessoas, causando preocupação no governo estadunidense. Para se ter uma noção da importância que essa comunidade representava para o setor agrícola, comercial e fabril do Brasil, na década de 1940 eles eram responsáveis por gerar cerca de 8% da produção agrícola, 10% da indústria e 12% do comércio. (1995: 71)

Porém, para Alves, os objetivos da Alemanha no continente, e em especial no Brasil, eram de curto prazo, pois suas pretensões estavam mais projetadas no leste Europeu. Ao contrário, os Estados Unidos tinham programas mais longos e complexos para seus vizinhos americanos. (ALVES, 2002: 53)

A região nordeste brasileira, especificamente a cidade de Natal, juntamente com o arquipélago de Fernando de Noronha, desde a década de 1930 já era vista pelo governo

Franklin D. Roosevelt como uma posição de extrema importância para seu país. Essa parte do Brasil é a mais próxima do continente africano de todo o hemisfério, ficando a 3000 km dos limites continentais de seus vizinhos. Com a deflagração do conflito bélico em 1939 e a adesão dos Estados Unidos à luta em prol da democracia em 1941, o governo brasileiro foi pressionado a aderir a construção de bases aéreas estadunidenses na região (ALVES, 2002: 91- 120). A Aliança Brasil – Estados Unidos tornava-se necessária para o desenrolar do conflito.

A neutralidade de Getúlio Vargas, entretanto, que não rompia nem com alemães nem com estadunidenses, perdurou até agosto de 1942². Gerson Moura (1991) aposta que essa postura de Vargas representou o que o autor entende como uma ‘Política de Barganhas’. Uma série de manobras políticas que são feitas com o intuito de tirar proveito da situação em que o mundo vivia. Enquanto pôde o então presidente do Brasil ‘arrancou’ dos Estados Unidos e da Alemanha o que eles podiam oferecer para o desenvolvimento industrial do país. Quando essa política não podia mais ser sustentada, pois o conflito exigia uma postura unilateral, Getúlio, em meio a pressões internas e externas, resolveu aliar-se à aqueles que garantiram e ‘impuseram’ mais vantagens à sua república.

Diante dessa realidade que assustava ao governo dos Estados Unidos, que temia a perda da dominação das Américas para as potências do Eixo, iniciou-se um processo de introdução dos elementos culturais estadunidenses na América Latina, em especial no Brasil, nosso foco de estudo.

Para conseguir se estabelecer no Brasil, os Estados Unidos mergulharam em uma política muito mais ideológica e cultural do que propriamente econômica. Por meio de elementos culturais, ressaltados através do *American Way of Life* (modo de vida americano), o caminho para a conquista política e econômica deu-se de forma mais fácil. (TOTA, 2000).

² Em dezembro de 1941, após o ataque japonês à base naval estadunidense chamada Pearl Harbor, os Estados Unidos declaram guerra às potências integrantes do Eixo. Em seguida verifica-se uma pressão diplomática por parte dos Estados Unidos para o alinhamento latino-americano para a Guerra ao lado dos Aliados (Inglaterra, França e Estados Unidos). Em 1942, após uma série de torpedeamentos alemães à navios mercantis brasileiros, Getúlio Vargas rompe relações comerciais com a Alemanha e declara guerra ao Eixo. In (FERRAZ, 2005.)

A ‘Política da Boa Vizinhança’, implantada com *Franklin Delano Roosevelt*, representou uma estratégia possível de sucesso, já que a sua sustentação estava pautada mais por programas culturais do que por imposição militar. Suas práticas advinham de programas de ‘ajuda’ aos países latinos americanos para o reerguimento de sua economia. A tentativa de ‘unificar’ as Américas em torno de um sentimento comum, basicamente de irmandade, marcou bastante essa política, que procurou instaurar um agir político, econômico e até cultural comum entre as Américas. Para Roberval Santiago:

Nesse aspecto, a lógica da Política da Boa Vizinhança seguindo as doutrinas do Pentágono, era o de ajudar no esforço de guerra. E uma das faces estratégicas desse programa também fora o de cooptar o setor de entretenimento da indústria cultural tais como os filmes de cinema, os teatros de revistas, os shows da Broadway, as tirinhas de quadrinhos, os cartoons, os magazines de lazer e as novidades impressas do tipo Digest Reader (SANTIAGO, 2009: 3).

Mesmo que muito estadunidenses não simpatizassem com algumas ditaduras, inclusive a do Brasil, nesse momento, parece não importar as práticas políticas exercidas por seus vizinhos, ao menos que estes afirmem sua colaboração com os Estados Unidos para a guerra. Era contraditório, mas a ‘Política da Boa Vizinhança’ apoiava ditadores na América, numa guerra que era empreendida contra ditaduras na Europa. (BETHELL; ROXBUROUGH, 1997)

Dessa perspectiva, a existência de um sistema interamericano e de colaboração hemisférica não dependiam de uma identidade de regimes ou da aceitação de um ideário político comum às vinte republicas. Dependia tão somente da adesão à grande potência norte-americana. Estava em jogo uma questão de poder e não de princípios políticos. (MOURA, 1991: 25)

A revista “Em Guarda” surge nesse contexto e foi um dos elementos propagandísticos utilizados pelo *Office Of The Coordinator of the Inter-American Affairs* (ligado ao departamento de Segurança de Estado dos Estados Unidos e responsável pelos projetos de ‘Boa Vizinhança’), para promover a interação americana e assegurar assim, a ruptura com qualquer acordo, formal e informal, com a Alemanha.

A imagem abaixo, contra capa de um exemplar da revista, representa toda essa pretensão de junção americana em torno de um ‘inimigo’ central: o Eixo. Nela podemos perceber que todas as bandeiras possuem o mesmo tamanho, dando um significado de

igualdade entre todas essas nações, porém, logo no topo da página, no plano mais alto, aparece a bandeira dos Estados Unidos. Essa posição de destaque pode sugerir que era sobre o comando desse país que todos os outros iriam partir para a luta contra a serpente do ‘mal’, o nazi-fascismo.



Imagem 1 - “Unamos-nos contra a agressão”. As Américas são chamadas a lutar contra a ‘tirania’ nazi-fascista, tendo como nação norteadora os Estados Unidos. (Revista Em Guarda, Ano II, nº 4.)

Para Antonio Pedro Tota “a revista veicula uma imagem dos Estados Unidos como fortaleza segura da democracia continental. Fortaleza à qual os países do continente poderiam pedir toda sorte de auxílio, sempre que necessário.” (TOTA, 2000: 56)

Impressa na cidade de Nova Iorque a partir de abril de 1941, a revista “Em Guarda” foi distribuída no Brasil a partir de 1942. Possuiu tiragens mensais e perdurou de 1941 a 1945. Foi transmitida em três línguas: português, espanhol e francês, justamente para ser vista por todos os americanos situados abaixo do Rio Grande. O Brasil foi o país em que mais ela foi distribuída, concomitantemente, atingiu um maior número de leitores, em média cinco por revista. Somente no ano de 1943 cerca de 630.000 exemplares foram distribuídos no Brasil (MOURA, 1984: 35).

O projeto inicial para o nome de tal periódico foi “Em Marcha (TOTA, 2000)”. Porém, em um contexto onde o governo estadunidense pretendia buscar adesão dos latino-americanos à sua luta, o tal termo sugeriria uma dose de agressividade por parte dos Estados Unidos. O Secretário de Estado, Cordell Hull, vetou o nome e sugeriu um título menos ofensivo. Estar “Em Guarda” soou mais sutil, dando a impressão de que

apenas seria efetuada alguma ofensiva se primeiramente eles fossem atacados. Ficou bem claro esse modo de adesão ao conflito após os ataques às bases de *Pearl Harbor* em dezembro de 1941 onde, a partir desse evento, estadunidenses acharam legítima sua entrada no campo de batalha.

Além de estar ‘Em guarda’, os editores da revista reafirmaram a sua luta em prol das Américas no subtítulo da publicação “Para defesa das Américas”, soando como um grito de guerra. No seu interior a revista possui textos e imagens em preto e branco, ressalvo algumas fotografias de destaque que receberam cor. Todas as capas são coloridas e com imagens, em geral, de figuras ilustres da política e exército das Américas ou com novidades bélicas.

Em média encontramos quinze reportagens por fascículo. Se considerarmos os quatro anos da Revista teremos aproximadamente de seiscientos a setecentos artigos publicados. Suas temáticas tratam dos esforços que estavam se fazendo em favor do conflito, citando desde o engajamento dos Estados Unidos aos demais países do continente americano.

Em dois importantes periódicos da época, o brasileiro *O Cruzeiro*³ e o estadunidense (com circulação no Brasil) *Seleções da Readers Digest*⁴, os leitores se entretinham com notícias sobre o cotidiano, como receitas de comidas, moda, dicas de beleza. Na revista “Em Guarda” a leitura ficava bastante restrita a notícias sobre a Guerra, com raras exceções de matérias que enfocavam o cinema, música, teatro.

Em meio a um número grande de reportagens, foi possível agrupá-las em alguns temas mais abrangentes, para o maior entendimento e análise do periódico. Verificou-se que: em todos os anos da revista, em especial no primeiro, um número grande de reportagens narram sobre as tecnologias bélicas utilizadas pelas Forças Aliadas. Armas poderosas, veículos de guerra, treinamento de alta qualidade aos soldados estadunidenses, juntamente com o bom preparo e competência dos seus oficiais tomam longas páginas da revista, dando a impressão de força e superioridade bélica aos defensores da democracia.

³ Sobre a revista *O Cruzeiro* ver: *O Cruzeiro – revolução na fotorreportagem*. De Nadja Peregrino.

⁴ Sobre a revista *Seleções da Readers Digest* ver: *Ao Sul do Rio Grande*. De Mary Anne Junqueira.



Imagem 2: “Os arsenais produzidos em massa”. Esse página retrata alguns tanques que foram produzidos em tempo *record* , para fins bélicos. (Revista Em Guarda Ano1, nº4.)

Outro grande número de reportagens que estão presentes em todos os anos da circulação de “Em Guarda” aborda a grande mobilização do povo estadunidense no esforço de guerra. Seja em casa ou na indústria, não somente os homens batalham no *front*, mas as mulheres engajam-se pelo bem geral da nação.

Abaixo uma imagem trazida pela Revista, mostrando que através da mobilização da população foi possível construir mais armamentos e vencer mais rápido o conflito. A legenda que acompanha a fotografia ilustra bem esse apelo do governo para o apoio à Guerra: “A coleta de alumínio nos Estados Unidos já dá pra construir 1900 aviões de combate ou 350 bombardeiros. Eis aqui um aspecto da coleta, em *Times Square*” (EM GUARDA, ANO 1 N° 4).



Imagem 3: “A defesa impõe sacrifícios”. O povo estadunidense juntando alumínio para ser transformado em armamentos para o conflito. (EM GUARDA, ANO 1 N° 4).

O alto oficialato e líderes políticos latino-americanos também adquirem destaque no periódico. Assim, o engajamento deles na luta pro Aliados é documentada, salientando que todas as Américas estão “Em Guarda” contra o Eixo. Quando as alianças entre esses países e os Estados Unidos eram realizadas, todo o armamento, treinamento de soldados, programas de infra-estrutura que surgiam desses acordos ganhavam destaque na revista.



Imagem 4: “ As Américas aplaudem”. Mostra alguns dos líderes das Américas apoiando os atos do governo estadunidense. (Revista Em Guarda, Ano 2, nº 3).

Quando apareciam reportagens que enfatizavam os vizinhos dos Estados Unidos, além de priorizar seus líderes ou seus soldados em treinamento, era mostrada a matéria-prima necessária para a Guerra. Eles destacavam alguns produtos como a Borracha, que eram encontrados em abundância na região, reforçando ainda mais a importância que a América Latina tinha para o conflito.



Imagem 5: “Minerais das Américas”. Mostra uma série de minerais que são encontrados no continente americano e que servem para a Guerra. (Revista Em Guarda, Ano 3, nº 1).

Um número pequeno, mas não menos importante, trazido pela revista é o que se refere aos ‘inimigos’. Poucos são os artigos que abordam especificamente tal assunto, mesmo ele estando subentendido a todo tempo. Quando surge alguma referência a eles, as imagens geralmente são impactantes, remetendo à subjugação, fome, destruição e desespero.

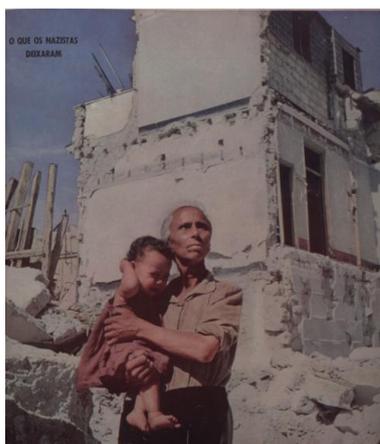


Imagem 6: “ O que os nazistas deixaram”. Capa de uma revista, mostrando a destruição causada pela invasão nazista na Europa. Revista Em Guarda, Ano 3, nº 6.

Considerações finais:

Vimos que as intenções estadunidenses estavam pautadas neste momento principalmente para garantir sua posição de supremacia nas Américas, já que haviam governantes que se simpatizavam cada vez mais com os regimes autoritários do Eixo, principalmente à Alemanha.

O que ocorreu após o ataque japonês a *Pearl Harbor* foi uma verdadeira pressão dos Estados Unidos para com os latino-americanos para o alinhamento de ‘todos’ contra as forças do Eixo. O Secretário de Estado Cordell Hull instruiu o delegado chefe Summer Welles para “(...) convencer todas as republicas a assinarem uma declaração conjunta de ruptura de relações com o Eixo” Para ele (Hull) “esta era uma luta de vida ou morte, cujo resultado poderia significar apenas a liberdade e progresso para a América Latina ou dominação e provavelmente ocupação pelo eixo” (SCHOULTZ, 2000: 344).

Portanto, podemos perceber que esse ideal de ajuda mútua entre os americanos somente foi possível através de uma política que deixava de lado qualquer forma de

agressão militar para com as Américas. O caminho encontrado foi o que tinha como eixo uma contra-ofensiva propagandística muito forte.

Percebemos dessa maneira que a revista 'Em Guarda' faz-se uma ferramenta, das muitas empregadas pelo OCIAA, para disseminar em solo latino-americano, mas principalmente brasileiro, os preceitos do *American Way of Life* e da luta pela descaracterização do modelo germânico ou Nazi-fascista. O que vemos, a partir de então, é o crescimento político e econômico dos Estados Unidos no pós guerra e a sua influência, cada vez maior, no cenário mundial. A abertura de nossas fronteiras culturais, econômicas e até políticas para esse país trouxe conseqüências para o Brasil. A análise sistemática dessas conseqüências é, entretanto, uma outra História.

Referências:

ALVES, Vagner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. História de um envolvimento forçado. Rio de Janeiro : Editora da Puc, 2002.

BETHELL, Leslie; ROXBUROUGH, Ian. América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FERRAZ, Francisco César Alves. **Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

JUNQUEIRA, Mary Anne. **Ao sul do Rio Grande**. Imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970). Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2000.

McCANN, Frank. **Aliança Brasil-Estados Unidos, 1937-1945**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1995.

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1984

_____. **Sucessos e Ilusões** – Relações Internacionais do Brasil durante e após a 2ª G. M.. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

PEREGRINO, Nadja. **O Cruzeiro: a revolução da fotorreportagem**. Rio de Janeiro: Dazibao, 1991.

SANTIAGO, Roberval S. **Revista. Espacialidades**, vol. 2, n.º.1, 2009

SCHOULTZ, L. **Estados Unidos: poder e submissão**. Uma história da política norte-americana em relação à América Latina. Bauru: Edusc, 2000.

TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VIRÍLIO, Paul. **Guerra e Cinema**: logística da percepção. Trad. Paulo Roberto Pires. Boitempo, São Paulo, 2005.